

## LIVROS

Sérgio Augusto

Em vez de editar autores obsoletos como John Howard Lawson e Umberto Barbaro (por que não Bazin?), a Civilização Brasileira deveria tornar acessível aos cinéfilos brasileiros duas monografias exemplares sobre dois gênios do cinema: **Elia Kazan**, de Roger Tailleur (Col. Cinéma d' Aujourd'hui, Pierre Seghers Ed., Vol. 36, 190 págs.) e **Murnau**, de Lotte H. Eisner (Le Terrain Vague, 256 págs.). Tailleur, da revista **Positif**, é o crítico mais lúcido em atividade na França hoje em dia e este seu estudo sobre o cineasta de **Vidas Amargas** um modelo de análise que todos aqueles que — a exemplo de Sadoul e seus acólitos ideológicos — executaram Kazan por motivos políticos, deveriam ler com atenção e isenção. Tailleur faz um levantamento completo das origens russas do Método de Stanislavsky, das complicações políticas que embaciaram a fama democrática dos Estados Unidos (mccarthysmo) e — sempre com um estilo saboroso — analisa com invejável erudição toda a obra do diretor de **A Tree Grows in Brooklin** (Laços Humanos, 44) a **América, América** (64), análise essa enriquecida com referências constantes aos seus trabalhos no teatro. Impossível escrever sobre Kazan sem se referir ao livro de Tailleur.

Quem leu **L'Ecran Démoniaque** (Ed. André Bonne, 1952) conhece a intimidade que Lotte Eisner tem com o cinema clássico alemão. Com um farto material iconográfico (107 fotos), seu estudo sobre Murnau pode escandalizar os críticos acadêmicos — que consideram **A Última Gargalhada** superior às obras-primas **Aurora** e **Tabu** — e tem seus melhores momentos quando a autora sublinha a importância do fantástico na obra de Murnau e o conflito entre o **Kammerspiel** (de tendência psicológica) e o expressionismo (de ambições poéticas). A discussão em torno desse tema é, aliás, uma das razões do fascínio de **Le Cinéma Réaliste Allemand** (Serdoc, 340 págs.), de Raymond Borde, Freddy Buache e Francis Courtade: obra in-

dispensável porque reduz o expressionismo à sua verdadeira significação e investe contra "a pressa dos historiadores, que enquadram o cinema alemão num esquema teimoso e pobre". Cada estudo vem acompanhado de uma decupagem completa. Outro estudo sobre Murnau foi lançado pelas Éditions Universitaires. Seu autor (Charles Jumeaux) o escreveu como prova de exame final de seu curso no IDHEC. Repleto de citações e referências, este livro pode ser considerado um razoável **hors-d'oeuvre** para a monumental obra de Lotte Eisner.

Um dos críticos mais polêmicos da França e admirador incondicional de John Huston, Robert Benayoun ocupa o volume 44 da Coleção Cinéma d' Aujourd'hui (Seghers) definindo em 110 páginas a personalidade hemingwayniana do cineasta com dados e revelações que às vezes parecem exclusivos (Benayoun é amigo pessoal de Huston). O crítico de **Positif**, e autor de três livros que recomendo com entusiasmo (**Le Dessin Abimé après Walt Disney**, **Anthologie du Nonsense** e **Érotique du Surréalisme**), aborda cada um dos filmes de Huston com estilo exuberante, convence muitas vezes mas sai pela tangente na hora de explicar a insignificância de **O Bárbaro** e **a Gueixa** e não convence com sua explicação sumária ("uma demonstração perfeita da arte com a qual Huston personaliza os assuntos mais insignificantes quando sob seu total controle") de **A Lista de Adrian Messenger**, um filme idiota. Em todo caso, é o melhor trabalho sobre Huston, juntamente com os ensaios de Eugene Archer (**John Huston, the Hemingway tradition in American Films**, em **Film Culture**, n.º 19) e James Agee (**Undirectable Director**, em **Life**, 18 de setembro de 1950).

**Le Cinéma Selon Hitchcock** (Ed. Robert Laffont) — resultado de duas semanas de entrevistas com o cineasta, realizadas por François Truffaut — re-

trata cronologicamente, com franqueza, brilho e humor, toda a carreira de Hitch, desde 1934 (primeira versão de **O Homem que Sabia Demais**) à **Corrina Rasgada**, seu 50.º filme. **The Films of Alfred Hitchcock**, de George Perry (Studio Vista, 160 págs.), útil manual sobre a obra do cineasta com mais de 150 ilustrações, perde longe para o exaustivo, pertinente e mirabolante ensaio de Jean Douchet (Col. L'Herne du Cinéma), que é, juntamente com o inglês Robin Wood, o melhor analista do "mestre do suspense". Tanto Wood como Chabrol e Rommer (autores da primeira monografia sobre o cineasta de **Vertigo**) negam a perversidade de Hitchcock, e o mérito do recente trabalho de Wood sobre o diretor é rebater com agudeza todas as teses acadêmicas que caracterizam Hitchcock como um "monstro inteligente" e nada mais.

**The Silent Voice** (Faculty-Student Assn. of State University of New York, Albany), de Arthur Lennig, lembra um pouco **The Liveliest Art**, de Arthur Knight. O expressionismo alemão e a escola de montagem russa dos anos 20 — suas características, suas virtudes e suas fraquezas — ocupam boa parte do livro, cuja principal virtude é discutir filmes esquecidos pelos historiadores oficiais. Curiosidades: a apreciação vibrante de Douglas Fairbanks, a defesa do sentimentalismo de **Sétimo Céu** (Borzage, 27), o ataque a Kracauer (que, em **Fron Califari to Hitler**, tentou provar que todos os filmes realizados na Alemanha, a partir de 1919, mostravam a predisposição do povo alemão ao nazismo). Para os ratos de arquivo, uma novidade sensacional: **The Film as Art** (Vol. I), precioso índice publicado pela Cinemateca do Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, com todas as informações sobre filmes realizados nos EUA até 1938. Contém 3200 sinopses, 8000 artigos, 2100 citações de autores, 4200 atôres, biografias, trechos de críticas da época, 780 págs. e 58 ilustrações. Preço: US\$ 22,50.